

OBJETOS SONOROS PARA O ENSINO DA MÚSICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS¹

1. Eliberto de Sousa Barroncas
2. Laura Renata Dourado Pereira

1. *Escola Estadual de Atendimento Específico Mayara Redman Abdel Aziz*
E-mail: barroncas@hotmail.com
2. *IFAM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas*
E-mail: laura.dourado@ifam.edu.br

RESUMO:

Este artigo propõe a inserção de objetos sonoros, instrumentos musicais, também conceituados como obras de artes visuais, desenvolvidas a partir de sons e formas da natureza amazônica como ferramenta, de ensino da música nas escolas públicas.

Palavras chave: Saber popular, Educação musical, Ensino das artes, Música na escola, Objetos sonoros.

ABSTRACT:

This paper proposes the inclusion of sound objects, musical instruments, also conceptualized as visual art works, developed from sounds and shapes of Amazonian nature, for use in teaching music in public schools.

Keywords: Popular knowledge, musical education, arts education, music school, sound objects

INTRODUÇÃO

O ensino das artes nas escolas públicas não contempla os saberes artísticos da cultura popular. As manifestações artísticas realizadas pelo conhecimento empírico, são olhadas pela academia como algo sem a mesma importância das obras dos artistas que compõem a história das artes. Isto significa que é determinante ainda a força do processo de colonização que privilegiou, em todos os sentidos, os valores da classe dominante.

Dessa forma, muitos educadores trabalham conteúdos acadêmicos sistematizados pela estrutura educacional que não considera as especificidades do conhecimento tradicional de cada região como o alicerce de uma formação mais ampla.

A música, por determinação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) (Lei 11.769), conteúdo obrigatório na disciplina ensino das artes, nas escolas públicas e particulares do país, tem sido motivo de questionamento no âmbito acadêmico, por se tratar de um campo muito amplo que precisa ser delimitado e adequado a cada realidade cultural, para de fato cumprir o objetivo principal de formar no educando uma consciência política da sociedade em geral a partir do seu universo de valores.

¹ O presente artigo foi escrito com base na pesquisa realizada sobre as obras de criação do artista plástico, músico e arte-educador Eliberto Barroncas. Manaus, Am.

Os objetos sonoros, instrumentos musicais confeccionadas pelo artista plástico Eliberto Barroncas, são também conceituados como obras de artes visuais e foram desenvolvidos para o exercício da música, tomando como base os sons da natureza, elementos significativos do repertório de comunicação das comunidades habitantes da floresta.

Esses objetos, podem ser inseridos como ferramentas no ensino da música na escola, com o sentido de proporcionar uma vivência estética mais orgânica e assim, fortalecer o princípio fundamental de educar pessoas para viverem suas escolhas profissionais valorizando as diferenças e respeitando a vida.

1. Elementos plásticos nas manifestações musicais da cultura popular

A natureza, por uma visão mais poética, é uma engrenagem composta de músicas, pinturas, esculturas e danças, que minuciosamente se completam no olhar mais apurado da ciência.

“Canto o sol parindo o dia com seus tantos sons louvores também a sinfonia dos silentes tons das cores”
(Adalberto Holanda e Eliberto Barroncas)²

Os saberes musicais da cultura popular, repassados de geração a geração, são carregados de elementos visuais, com significados que completam o sentido poético da leitura, enriquecendo assim a cumplicidade verdadeira dos que a vivenciam. Conforme relatam GONDIM e MÓL sobre os saberes repassados:

“Todas estas se constituem como saberes populares. Eles não exigem espaço e tempo formalizados; são transmitidos de geração em geração por meio de linguagem falada, de gestos e atitudes; e são também transformados à medida que, como parte integrante de culturas populares, sofrem influências externas e internas.”

A relação linguagem plástica e linguagem musical na cultura popular é uma junção tão forte que em muitos casos a música sozinha se torna metade. Uma roda de Carimbó sem as flores coloridas nas saias das dançarinas, numa leitura visual de um conjunto de informações que se soma, pode ser compreendido e traduzido pela linguagem poética como um jardim desprovido de cores. Assim também, num rito de candomblé sem os aparatos coloridos do vestuário que compõe sua apresentação para determinado orixá, é como quebrar a ordem de cumplicidade dos sentidos que plenifica a verdade da crença.

Segundo (CHARTIER, 1992, p. 22)

“A apropriação tal como a entendemos visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, [...] nas práticas de quem as constroem.” [...] “É portanto inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa, de fato, tanto quanto sua repartição, sempre mais complexa do que parece, é sua apropriação pelos grupos ou indivíduos [...] Em toda sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos compartilhados

² CD Raízes Caboclas. Canção Sons e Silêncios. Mensageiros de Francisco.

são tão ou mais geradoras de distinção que as práticas próprias de cada grupo social. [...] O "popular" não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras.”

A inter-relação de linguagens que formam o diverso vocabulário de cada sociedade, só pode ser compreendida com profundidade através de estreitas convivências, despojadas de conceitos fechados e com muita abertura para a interpretação poética dos caminhos dos saberes.

A cartilha do Brasil é a cultura popular Vê a luz desse pavio só quem lê de lá pra cá
(Ladainha de capoeira- Versão Eliberto Barroncas)³

2. Um olhar sobre a educação artística nas escolas públicas

“A escola me deu lição sem olhar o meu passado Como pode a construção começar pelo telhado”. (Ladainha de capoeira – Versão Eliberto Barroncas)⁴

A função das artes na sociedade é uma questão que tem sido analisada por várias extensões do conhecimento, por se tratar de manifestações que registram os primeiros passos do homem na terra e acompanham sua trajetória até os dias de hoje. Segundo (COLIN, 1995, p. 13).

“Os discursos sobre as artes parecem, com frequência, ter a nostalgia do rigor científico, a vontade de atingir uma objetividade de análise que lhes garanta as conclusões. E na história do discurso, na história da crítica, na história da história da arte, constantemente encontramos esforços para atingir algumas bases sólidas sobre as quais se possa apoiar uma construção rigorosa.”

O fazer artístico nos dias de hoje é norteado pela Arte Contemporânea, comumente denominada como arte do período pós-guerra ou segundas vanguardas do século XX. Tem como característica a liberdade de experimentações de novas expressões de linguagens artística, onde as fronteiras que delimitam os segmentos específicos permitem apropriações amplas e entrelaçamentos quase sem limites. Segundo (PINHEIRO, 2006, p. 13) ao enfatizar que:

“A arte como um reflexo de seu tempo nos permite pensar e problematizar sobre aspectos próprios, conexões, valores, paradoxos e desvios da época em que a obra foi criada. O grande mérito da arte com ênfase para a arte contemporânea consiste, em sua possibilidade de pluralizar sentidos e leituras de mundo, constituindo, desta forma, uma linguagem.”

Mesmo com a ruptura do rigor do fazer artístico anterior a modernidade, o mundo das artes ainda é um campo de valores compreendido e vivenciado por um segmento restrito da sociedade. São leituras que carecem de um embasamento teórico sobre a história da humanidade e suas manifestações artísticas, suporte quase nunca oferecido de forma mais abrangente nas escolas públicas do país.

³ CD. Rubéns Bindá. Olhando o Brasil na beira do rio. Canção Paranaúê.

⁴ CD. Rubéns Bindá. Olhando o Brasil na beira do rio. Canção Paranaúê.

Nos princípios pedagógicos da Escola Nova, movimento de grande relevância no século XX, o educando foi olhado como participante ativo do processo educacional, com possibilidade de criar livremente e compartilhar, de forma prática suas criações. Desde então, a criatividade tornou-se uma regra, um desafio a ser alcançado no ensino das artes, ressaltando desta forma o conceito de liberdade implementado na educação.

Na educação artística, baseada nos valores da educação contemporânea, se faz necessário alternativas pedagógicas que misturem conhecimentos acadêmicos com saberes tradicionais, para assim, de forma real, aconteça uma educação participativa, sem fronteiras culturais e sem preconceitos.

No ensino das artes nas escolas públicas brasileiras, os conteúdos artísticos trabalhados quase sempre destacam a obra como objeto de percepção distanciada e não como necessidade de expressão inerente a cada pessoa. Dessa maneira, não se leva em consideração que o belo, mesmo não conceituado assim, aparece como expressão necessária nas diversas formas de relações humanas e sociais.

Diante desse quadro, fica evidente a importância de ações culturais que alterem a estrutura dos valores estabelecidos, uma vez que o sistema educacional vigente no país não adotou ainda, na prática do ensino, o notório saber do povo, que proporcionaria ao corpo discente vivências significativas com os mestres dos saberes tradicionais. Conforme GRAMSCI (2004, p. 43), enfatiza a importância de qualquer tipo específico de formação, quando diz:

“Queremos que todos disponham, de igual modo, dos meios necessários para educar a própria inteligência, para dar a toda a coletividade os maiores frutos possíveis do saber, da pesquisa científica, da fantasia que cria a beleza na poesia, na escultura, em todas as artes.”

Cabe então, nesse tempo de globalização, onde a objetividade das máquinas se sobrepõe a subjetividade dos sonhos, uma reflexão sobre o papel das artes como instrumentos de formação de pessoas sensíveis, capazes de viver os avanços tecnológicos e estéticos da modernidade sem perder de vista as tradições que formam a vasta diversidade cultural do país.

“A escola me deu lição sem olhar o meu passado Como pode a construção começar pelo telhado”.
(Ladainha de capoeira – Versão Eliberto Barroncas)⁵

3. Objetos sonoros: arte para tocar

A afirmação “a arte e a vida não se separam” é visivelmente clara nas manifestações artísticas resultado da relação vivenciada do homem com meio onde habita. Por ser assim, os aspectos geográficos da paisagem de cada região podem ser notados nas características estéticas da obra dos seus artistas, evidenciando dessa maneira que a criação, sobretudo na cultura popular, se revela na alma, de cada criador, retrato do mundo ao redor.

⁵ CD. Rubéns Bindá. Olhando o Brasil na beira do rio. Canção Paranaúê.

“Canto as folhas cochichando o andarilho andar do vento também canto o verde quando nenhum galho em movimento”

(Adalberto Holanda e Eliberto Barroncas)⁶

Os objetos sonoros, na proposta do trabalho realizado pelo artista Eliberto Barroncas, podem ser ferramentas de ensino da música nas escolas públicas, pois são produtos de uma leitura de sons e formas plásticas da natureza amazônica. São abordagens de significados que expressam a rica linguagem particular do povo da região. São obras desenvolvidas para serem literalmente tocadas pelo público, nos lugares onde forem expostas, com o conceito de instalação artística.

É possível dizer, pela observação das experiências realizadas com esses objetos, que os mesmos cumprem a proposta de estabelecer um diálogo aberto sobre a realidade cultural que estão as margens do conhecimento ratificado pelo pensamento acadêmico, mas muito próximas das instituições educacionais e quase sempre notadas distantes dos conteúdos aplicados. É nesse diálogo também que se apresenta o objetivo de formar pessoas sensíveis e conscientes do que é arte e da importância de sua inserção no mundo.

“A música que muita gente pensa, em termos teóricos é a pauta, as notas musicais escritas [...] mas a música mesmo verdadeira é aquela que a gente imagina” Hermeto Pascoal⁷

Se faz necessário, para um melhor entendimento da importância desses objetos como ferramentas da educação musical nas escolas, ressaltar que a musicalização, através de vivências culturais, acontece de forma natural, tal qual uma criança, que antes de pronunciar palavras associadas a determinados objetos, animais, etc., imita sons isolados, mostrando assim que falar uma língua é antes de tudo uma prática musical que começa nos primeiros passos da primeira infância.

“A cultura do Brasil é muito oral, muito rítmica, muito musical, muito corporal e muito festiva”

Jose Miguel Wisnik

“Eu sou um autodidata. Até hoje não sei como é que eu sei tanta coisa assim de música, em termos teóricos.”
Hermeto Pascoal

Pelo princípio elementar da imitação dos sons da natureza, os educadores do ensino da música na escola, poderão trabalhar composições coletivas, com apropriações de significados culturais, que certamente tocarão a sensibilidade criativa inerente de cada aluno, despertando assim um maior interesse pelas coisas simples que formam a riqueza do mundo natural que tantos retratam mas não sabem o que dizem seus diversos saberes.

⁶ CD Raízes Caboclas. Canção Sons e Silêncios. Mensageiros de Francisco.

⁷ DVD Projeto Thomas Farkas. Documentário

“Toda criança, antes de entrar na escola, “faz arte” [...] Desenha, pinta, faz esculturas de areia, canta, dança, toca instrumentos (ainda que batendo tampas de panelas), cria personagens... São potencialidades plenas de expressão criativa cujas possibilidades de se manifestar geralmente não ocorrem na escola. O jogo simbólico, a percepção, a imaginação, a fantasia, a busca de um significado para o sentido da vida raramente encontram espaço nas salas de aula que, infelizmente, ainda adotam como prática a cópia, a imitação, a reprodução de modelos estereotipados, a massificação de propostas e de resultados.”⁸

Educar nos dias de hoje, meio a tantos imperativos que determinam a posse de bens materiais, como sinônimo de realização pessoal, é um compromisso que requer do corpo docente ações diferenciadas, capazes de abrir consciências para escutar o silêncio dos sábios que habitam as periferias do país.

“Tudo só se acha no passado. O futuro é uma brincadeira que a gente tropeça com ela.”

Tom Zé

“E como ficou chato ser moderno. Agora serei eterno.” Carlos Drummond de Andrade

“Aprendi com meu filho de dez anos que a poesia é a descoberta das coisas que eu nunca vi”

Oswald de Andrade

PERFORMANCES COM OBJETOS SONOROS: “Espetáculo Presenças” – Teatro Amazonas/2013

Fotos Cléia Alves.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto natureza amazônica, inspiração para desenvolvimentos dos objetos sonoros, requer uma leitura cuidadosa quando se trata de valores culturais ofuscados pelo colorido dos cartazes turísticos, que

⁸ Secretaria de Educação. O ensino de arte nas séries iniciais: ciclo I. São Paulo.

mostram a região como um grande espaço verde, banhados por grandes rios de águas doces, habitado por uma vasta diversidade de animais e por pessoas exóticas. Uma supervalorização de imagens estereotipadas que muitos turistas compram como sinônimo de aventura selvagem na maior reserva natural do planeta.

Sobre isso, o poeta e artista visual Roberto Evangelista afirma “que há uma linha tênue que separa a arte do exótico grotesco”, tratado pelo mercado do turismo como produto cultural de exportação.

Diante dessa realidade, cruzar as fronteiras estabelecidas para alcançar a essência de um determinado saber, só é possível por meio de uma educação que apresente sua construção baseada em princípios morais que norteiam as organizações sociais dos excluídos, pela cultura dominante, comprometida com interesses comerciais que sem pudores violentam éticas e aprisionam liberdades, com generalizações que aniquilam as especificidades culturais de cada povo.

A música desse universo, quase desconhecido como um campo de saberes afinados com a ordem natural da própria existência, no sentido plural da palavra, precisa constar nas pautas de discussões sobre cuidados com o planeta. Para isso, a escola, espaço de universalização de conhecimentos, precisa dar os primeiros passos nessa direção, incluindo de fato na disciplina ensino das artes, os sons da ordem natural do mundo, através de instrumentos como estes, criados especificamente com esse objetivo, para assim tornar possível uma prática de música orgânica por pessoas com formações diversificadas.

NOTAS

¹HOLANDA, Adalberto; BARRONCAS, Eliberto. **Sons e Silêncios**. Interprete: Raízes Caboclas. In: Raízes Caboclas. **Mensageiros de Francisco**. 2010. Manaus: Studio 3001. 1 CD.

² BINDÁ, Rubens. Paranaúê. Joãozinho da Figueira e Rubens Bindá. In: RUBENS BINDÁ. **Olhando o Brasil da beira do rio**. Manaus: Studio 1. [s.d]. 1 CD. Faixa 8. Projeto Pela Margem.

³ -- *Idem*.

ILUSTRAÇÕES:

Figura 1. Ribeirinho. Arquivo IPHAN

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Congresso Nacional. Planalto. Ministério da Educação e Cultura Decreto-lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. **Lex**: Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

Brasília, DF, 18 ago. 2008. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm>. Acesso em 03 de Junho de 2015.

CHARTIER, Roger. “**Cultura popular**”: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p.179-

192. [texto apresentado no seminário *Popular Culture, na Interdisciplinary Conference*, realizado no Massachusetts Institute of Technology de 16 a 17 de outubro de 1992.]

COLI, Jorge. **O que é Arte**. Ed. 15ª. São Paulo: Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1995.

FARKAS, Thomas. Hermeto, Campeão. Interprete: Hermeto Pascoal. In: **Thomas Farkas: documentários**. São Paulo: VFD 210, 2009. 1 DVD.

GAGNO, Roberta Ravaglio; FURTADO, Andréa Gracia. **Antônio Gramsci e a educação**. Curitiba: SME – FARESC, [s.d]. (Artigo Científico)

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **O ensino de arte nas séries iniciais: ciclo I**. São Paulo: FDE. 232 p., il., 2006.

GONDIM, Maria Stela da Costa; MÓL, Gerson de Souza. **Saberes Populares e Ensino de Ciências: Possibilidades para um Trabalho Interdisciplinar**. 2008. (Artigo). Revista Química nova na escola. Nº 30 Novembro.

PINHEIRO, Ana Valeska Maia de Aguiar. **A teia relacional: entrelaçamentos entre arte contemporânea e questões de gênero**. O público e o privado. Fortaleza, n. 8. p.131-148, jul-dez, 2006.

Provocações: Nomes da música/Tom Zé, Walter Franco e Arnaldo Antunes. Antônio Abujanra. São Paulo. Cultura marcas. 2001-2008. 1 DVD. Duração 75 min.

SOLBERG, Helena; DEBELLIAN, Marcio. **Palavras encantada**. Direção Geral: Kati Almeida Braga. Rio de Janeiro: Biscoito fino, 2009. 2 DVD.

<http://educador.brasilecola.com/orientacoes/arte-educacao-inclusiva>. Acesso em 20.07.2015.